

CAPELANIA ESCOLAR CONFSSIONAL: UM ESTUDO DESTA ATIVIDADE NO INSTITUTO PRESBITERIANO MACKENZIE

Wyclif Porfírio Nobre¹

INTRODUÇÃO

A capelania escolar é um tema pouco pesquisado no Brasil. Apesar de ser uma área vasta e com muito potencial de abrangência, contudo a literatura escrita a respeito é bastante escassa. As bibliografias encontradas atualmente acabam focando duas áreas mais exploradas, como a capelania militar e a capelania hospitalar. Já a capelania escolar quase não é pesquisada em nosso país, apesar da existência de instituições de ensino centenárias que desde sua fundação têm utilizado essa ferramenta ainda que informalmente.

Essa é uma das grandes dificuldades encontradas nos documentos históricos dos colégios confessionais ao se buscar a atuação dos primeiros capelães. Apesar de todas terem uma atuação plena de capelania, a maioria das escolas não registra esses feitos com o mesmo termo usado na atualidade.

No presente artigo, foi encontrado este desafio: garimpar os registros históricos e transformá-los em material de pesquisa para essa área tão importante para a educação e para as instituições eclesiais.

Procura-se desenvolver de forma sucinta as definições sobre “capelania” partindo da forma mais genérica até a enquadrar especificamente na área educacional. Para isso, foi necessária também uma visão panorâmica da utilização do termo como de sua abordagem histórica até os tempos atuais.

Será definido também o termo “confessional”, assim como suas implicações diretas e indiretas na prática da capelania escolar. Desta forma, será estabelecido o alicerce necessário para uma análise histórica e descritiva das atividades capelânicas em escolas confessionais.

Como foi proposto no subtítulo deste artigo, não se pretendeu abordar todos os trabalhos de capelania existentes no Brasil ou até mesmo no meio presbiteriano.

¹ Pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil, Educador Cristão e Capelão Educacional, mestrando em Ciência da Religião e especialista em Fundamentos Cristãos da Educação pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2012), graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás (2009), graduado em Teologia e habilitado em Educação Cristã pelo Seminário Presbiteriano Brasil Central (2008).

Mas, por meio de um estudo histórico do Instituto Presbiteriano Mackenzie, procurou-se captar o trabalho da capelania feito ao longo de sua história e, por meio deste, abordar suas contribuições tanto para a fortificação de sua confessionalidade, como no cumprimento da missão que a escola sempre procurou exercer perante a sociedade.

Pretende-se também apontar para as responsabilidades que a capelania possui atualmente, considerando seu legado histórico.

Para melhor compreensão deste artigo dividiremos a história da capelania do Mackenzie em duas partes: “as primeiras atividades da capelania do Mackenzie” e “a oficialização da prática da capelania no Mackenzie, seus avanços na identidade confessional”.

Dessa maneira, será abordada a atuação da capelania desde a origem da Escola Americana em 1870, com seu fundador Rev. George W. Chamberlain, passando pelo Rev. Erasmo Braga até chegar ao Rev. Jorge Cesar Mota. Depois, aborda-se o período da capelania oficializada a partir de 1975, sendo o primeiro capelão dessa fase o Rev. Odayr Olivetti, rumo aos avanços do perfil confessional com o Rev. Wilson de Souza Lopes e, mais recentemente, com o Rev. Enos Moura, mostrando sua evolução e as subdivisões criadas nos dias atuais.

Não pretendemos, por meio deste artigo, descrever todas as ações históricas, referentes a essa atividade tão ampla, mas ressaltar e estabelecer uma visão panorâmica e sucinta sobre esta prática tão relevante, e apontar suas contribuições para a mesma.

1. A CAPELANIA ESCOLAR

Entende-se por “capelania escolar” ou “capelania educacional”, o ramo da capelania voltada para a ação pastoral dentro das escolas ou instituições de ensino (creches, educação infantil, ensino fundamental, ensino médio, cursinhos, EJA e universidades).

Podemos definir capelania como: “Um serviço de apoio e assistência espiritual comprometida com a visão da integralidade do ser humano (corpo, emoções, intelecto, espírito)” (VIEIRA, 2011, p.13). Sua função é a de orientar e encorajar nos momentos de crise, reavivando a fé e a esperança de quem necessite, fazendo-se

presente nos momentos de crises da vida, compartilhadas no aconselhamento pastoral, nas visitas aos hospitais, consolando e trazendo alento nos velórios.

A capelania escolar possui um público-alvo variado, que parte dos alunos e seus familiares ou responsáveis diretos até os colaboradores do corpo docente e administrativo; enfim, todos os que se envolvem ou são envolvidos no processo educativo e que estejam passando por conflitos nas esferas pessoal e familiar (VIEIRA, 2011, p. 19-20).

A atuação mais comum no ambiente escolar desempenhada pela capelania é: 1- Cultos com alunos; 2- Aulas de ensino religioso ou educação cristã; 3- Aconselhamento pastoral; 4- presença nos velórios e sepultamentos; 5- Cultos especiais, devocionais setoriais e nas formaturas; 6- Visitação a enfermos em hospitais e nos lares; 7- Avaliação de material didático; 8- Distribuição de literatura confessional; 9- Palestras que ofereçam assuntos relevantes com orientação bíblica envolvendo alunos, pais e professores. 10- Incentivo e acompanhamento de grupos de oração e devocionais de alunos e de funcionários. 11- Assistência social e o incentivo aos trabalhos voluntários e filantrópicos.

Para melhor compreensão da capelania escolar é necessário primeiramente entender o termo “capelania”, como surgiu essa prática e o trajeto que foi percorrido até chegar a esta área tão específica da capelania, que abordamos neste artigo.

Como descreve Damy Ferreira em seu livro *Capelania Escolar Evangélica*, a ideia dessa atividade se originou no contexto militar:

Na França, em tempos de guerra, montava-se uma tenda especial, onde era mantido um sacerdote para ofícios religiosos e aconselhamento. A tenda era chamada de “capela”. O costume foi se perpetuando mesmo em tempos de paz e, com o tempo, o sacerdote que cuidava dela passou a ser chamado de “capelão”. O serviço estendeu-se também a outras instituições como: hospitais, cemitérios e prisões, chegando ao contexto escolar (2008, p. 27).

A palavra “capela”, surge da expressão do latim “cappella” que significa “capa pequena”, que tem origem na história de Martinho de Tours, soldado romano que viveu no século IV d.C. contemporâneo de Constantino. Walmir Vieira descreve em seu livro *Capelania Escolar – Desafios e Oportunidades* a experiência de Martinho e como surgiu o nome de capela e demais termos derivados:

Conta-se que era uma noite muito fria, “frio de rachar”, no inverno de 338, Martinho cavalgava para sua casa quando avistou um mendigo. Motivado de compaixão, rasgou sua capa em duas partes e deu a metade para aquele homem que parecia não suportar mais a baixa temperatura. Naquela mesma noite, teve um sonho. No sonho, Jesus Cristo aparecia com a metade da capa que dera ao mendigo. Quando contou o

sonho para outras pessoas, ele chamou à metade daquela capa de capa pequena ou “capela”. Essa capa foi preservada, e no sétimo século foi guardada em um oratório que, por isso, passou a chamar-se “cappella”. Com o passar do tempo esse termo passou a designar qualquer oratório (2011, p. 14).

Do contexto militar o movimento passou para o contexto hospitalar e da saúde, onde se institucionalizou, no final do século XIX, com uma acirrada discussão sobre psicologia pastoral, nos Estados Unidos e na Inglaterra (FERREIRA, 2008, p. 28).

Hoje, a capelania também está presente em muitos outros lugares de atuação, apesar de ser mais conhecida no meio hospital e no militar. Existe uma grande diversidade de áreas de atuação da capelania, tais como: carcerária, “cemiterial” ou funerária, policial, esportiva, parlamentar (em ambientes político-administrativos), estatal (órgãos públicos), empresarial (empresas privadas) e familiar. Também podem atuar em asilos, orfanatos e em conselhos tutelares.

A capelania escolar evidenciou-se em muitas das escolas confessionais evangélicas no Brasil. Essas escolas foram organizadas no século XIX, sendo que muitas delas tinham a finalidade principal de evangelizar, para isso eram necessárias à alfabetização e a educação do povo. Entre os batistas, presbiterianos e metodistas, surgiram os grandes colégios, fundados por missionários norteamericanos que vieram para o Brasil. Paralelamente ao trabalho educativo, os pastores realizavam o aconselhamento pastoral e a evangelização, ensaiando os primeiros modelos de capelania escolar (FERREIRA, 2008, p. 30).

Em seu livro: *Protestantismo e Educação Brasileira*, Rev. Osvaldo Hack descreve o surgimento destas primeiras escolas evangélicas no Brasil:

As Igrejas norte-americanas deram grande ênfase às instituições educacionais, com a finalidade de realizar uma propaganda indireta dos ideais de uma civilização cristã nos moldes protestantes. Os colégios americanos, no Brasil, eram abertos a toda e qualquer ramificação confessional ou classe social. O propósito da propaganda indireta do Evangelho tinha como objetivo atrair as elites nacionais para os meios protestantes, para orientá-las e oferecer-lhes os valores morais e espirituais que eram tidos como interpretação genuína do Cristianismo (2000, p. 59).

Rev. Osvaldo Hack descreve ainda o objetivo das escolas junto às igrejas:

A escola estabelecida junto a uma igreja evangélica tinha objetivos definidos. Além de ensinar as primeiras letras, também ministrava o ensino religioso da Bíblia e o Breve Catecismo. Também eram observadas as práticas do culto diário com orações e cânticos religiosos (2000, p. 65).

Apesar de muitas escolas de origem protestante ainda permanecerem firmes no cenário educacional brasileiro e a cada dia surgirem mais escolas evangélicas novas, o oferecimento de serviços de capelania parece encolher ou ser menos presente a cada década. Não obstante, aumenta a sua necessidade e crescem os desafios que as escolas enfrentam, aos quais a capelania poderia ajudar em muito como suporte ou em sua solução. Ao mesmo tempo, reconhecemos que os fatores intimidadores e limitadores para uma ação pastoral mais efetiva também têm crescido.

Mas segundo a ABIEE (Associação Brasileira de Instituições Educacionais Evangélicas), cerca de 60% dos alunos matriculados nas escolas confessionais evangélicas não são evangélicos. Ao analisar estes dados, Walmir Vieira afirma:

As famílias estariam buscando nas escolas confessionais, conscientemente ou inconscientemente, uma ajuda para solucionar problemas que estão acima de suas possibilidades no processo de criação e formação de seus filhos num tempo de tantas complexidades e crises como este (2011, p. 19).

Atualmente, tem sido colocada sobre a capelania uma grande expectativa, a de buscar caminhos para lidar adequadamente com as crises familiares, institucionais e sociais que todos estão sofrendo. Cabe à capelania trilhar caminhos que influenciem o ambiente escolar para lidar com a expectativa que as famílias estão colocando sobre as escolas confessionais, ciente, de que a expectativa superará as condições e as possibilidades do serviço que os profissionais capelães podem oferecer. (VIEIRA, 2011, p. 19).

No entanto, infelizmente: “As escolas cristãs não estão cumprindo o aspecto de sua missão evangelizadora e pastoral, que estava na gênese de sua criação e no sonho dos pioneiros que as fundaram, e que as diferenciavam das outras escolas seculares” (VIEIRA, 2011, p. 20).

O serviço de capelania, em uma escola confessional, contribui de forma decisiva na identificação da mesma, pois sua existência revela que o discurso da confessionalidade não se restringe a uma fundamentação teórica, ou a uma simples ligação institucional ou denominacional. Mas revela que sua prática em favor dos necessitados concretiza sua fé por meio de

atos solidários para com os que sofrem e em ações que refletem sua cosmovisão cristã (VIEIRA, 2011, p. 21).

2. A

CONFSSIONALIDADE

Para melhor compreensão do que é uma escola de orientação confessional, temos primeiro que entender o termo “confissão”. Em seu livro, Inez Borges descreve sobre o que é confissão:

O termo “Confissão”, num contexto cristão tradicional ou mesmo no senso comum, pode remeter à compreensão simples da admissão de algo ou ao reconhecimento da veracidade de determinado fato ao qual se confessa. É possível ainda que o termo evoque a noção de reconhecimento e declaração de culpa, sinal de arrependimento e conversão, e assim por diante. Os gregos antigos já utilizavam o termo “confissão” como sinônimo de “compromisso”, “promessa” ou admissão de algo como sendo verdadeiro, sempre envolvendo um tribunal ou um contrato legal (2008, p. 30).

Da mesma maneira, é necessária uma definição mais aprofundada sobre “confessionalidade”. Para esse objetivo, encontramos a afirmação oferecida por Amós Nascimento:

A palavra “Confessionalidade” é neologismo que deriva de “confissão”, isto é, que tem qualidade religiosa, que está impregnado de crença, de convicção, de confissão positiva de fé (cristã). O que se confessa ou professa é aquilo em que se acredita ou se deve acreditar. Portanto, convicção é a base da qual se pode falar de uma educação confessional em sentido amplo (Apud BORGES, 2008, p. 32).

Assim podemos declarar que “confessionalidade” é a identidade de uma denominação religiosa, que mostra por meio da fé a sua maneira de ver o mundo, é a sua “cosmovisão”. Essa confissão está relacionada a uma crença religiosa ou a uma declaração de fé ou, até mesmo, a conjuntos de princípios e valores. Contudo uma confessionalidade não se expressa somente pelo ensino das doutrinas religiosas, mas principalmente pelo testemunho e exemplo da instituição educacional confessional (VIEIRA, 2011, p. 57).

Todas as escolas confessionais, sejam elas de qualquer ramo denominacional, possuem ditames de fé. Os capelães dessas escolas naturalmente fundamentam seu trabalho em conformidade com a confissão de fé, doutrinas e

estrutura eclesiástica da denominação mantenedora da escola (VIEIRA, 2011, p. 56).

Mesmo em uma instituição de ensino confessional há limites que devem ser respeitados, conforme afirma Damy Ferreira: “Mesmo tendo essa liberdade, esse ensino deve ser calcado na Bíblia, sem tornar ‘proselitista’, uma vez que haverá alunos de outras confissões evangélicas. De mente aberta para que haja um cerne de ensino bíblico, sem ferir convicções particulares de alguns dos alunos” (2008, p. 151).

“Cada escola confessional deve adotar os princípios de fé e condutas preconizados por sua confissão. Ainda que vários alunos, pais, professores e funcionários não professem a mesma fé se espera que eles compreendam e respeitem esse direcionamento” (VIEIRA, 2011, p. 60). A esse respeito Walmir Vieira complementa: “É dito que o respeito (pelo menos, não se manifestar publicamente contrário) aos princípios de fé da instituição é esperado da parte dos colaboradores de qualquer instituição confessional” (2011, p. 60).

Dentro desses desafios de uma instituição com ensino confessional a capelania possui um destaque estratégico. Conforme afirma Inez Borges: “Entre os inúmeros dispositivos físicos e organizativos destinados a contribuir para o cumprimento das metas institucionais, a capelania é provavelmente um dos mais diretamente ligados à identidade confessional” (2008, p. 235).

Ao falar sobre capelania Rev. Osvaldo Hack afirma: “É claro que a capelania só pode ser entendida e praticada no contexto das instituições que optaram por valores e princípios de orientação religiosa definida” (2003, p. 187). Dessa forma, Rev. Osvaldo Hack declara que uma capelania verdadeiramente efetiva só é possível em instituições de ensino confessional.

É por meio da adoção de uma confessionalidade que a capelania tem princípios fundamentados em uma confissão de fé e com isso pode definir, à luz dessa confissão, o que julga ser os seus valores, determinando sua ética diante de tantas cosmovisões de uma sociedade pós-moderna, repleta de valores relativos. Somente assim essa confessionalidade conduzirá a uma escola ética, cidadã, levando à valorização da espiritualidade saudável, que adota princípios de fé e esperança, sem doutrinação ou proselitismo (VIEIRA, 2011, p.58).

Sendo assim, cabe à capelania a responsabilidade maior pela preservação e reafirmação da confessionalidade na escola. E mesmo que haja preceitos legais para que não se faça proselitismo nas escolas confessionais, não se pode deixar de evangelizar os estudantes e todos que estão envolvidos no contexto escolar (VIEIRA, 2011, p. 64-65).

É sobre essa responsabilidade que Rubens Cordeiro, capelão do Sistema Batista Mineiro, declara: “É nesse sentido que um serviço de capelania deveria até ser motivo de um ‘santo orgulho’, pois se trata de concretamente valer o que somos na vida cotidiana. Cada ação que a escola realiza deveria expressar a sua confessionalidade”. (Apud VIEIRA, 2011, p. 59).

Ao entendemos a definição de “confessionalidade” e suas implicações em uma capelania escolar, partiremos para um estudo histórico de nosso objeto de estudo, o Instituto Presbiteriano Mackenzie.

3. AS PRIMEIRAS ATIVIDADES DA CAPELANIA DO MACKENZIE

Como foi dito na introdução deste artigo, encontramos um grande desafio ao pesquisar sobre o trabalho da capelania, devido essa atividade ser reconhecida com esse nome no Brasil oficialmente somente na década de 50 do século passado. Contudo, por meio de algumas atividades específicas da capelania, podemos reconhecer sua presença na gênese da criação da Instituição.

Desde a fundação da Escola Americana até o Mackenzie College, o atendimento capelânico partia de uma ação voluntária e informal que acontecia em momentos especiais também para os alunos externos. As primeiras atividades de capelania não fugiram do padrão das primeiras escolas confessionais vindas para o Brasil. Nascida com a própria história institucional, era função dos “missionários pioneiros atender aos que residiam nos internatos, tendo o cuidado com a disciplina, exercícios físicos e os momentos devocionais fundamentados na Bíblia Sagrada” (HACK, 2003, p. 191-192).

No entanto, podemos observar que sua ação estará estritamente interligada com a proximidade da confessionalidade que a instituição desenvolveu durante toda sua história. Quanto mais à escola se aproximava da igreja mais a capelania

aparecia; por outro lado, o contrário também produzia uma capelania apática e em muitos momentos apenas representativa ou meramente nominal.

Como não encontramos, no material atualmente publicado sobre a história do Mackenzie, descrição minuciosa sobre o trabalho da capelania, iremos destacar apenas os relatos que demonstram qualquer pista de uma atividade ativa de capelania descritos nos *Prospectos Informativos* e outros documentos históricos pesquisados por Marcel Mendes (2007), historiador do Mackenzie e orientador deste artigo.

O Rev. George W. Chamberlain foi o primeiro capelão do Mackenzie, que mesmo não sendo conhecido como tal, desempenhava esta função juntamente com a de fundador da escolinha e pastor da Igreja Presbiteriana de São Paulo. Algumas atividades capelânicas eram bem claras neste período, segundo Marcel Mendes: “O dia de aulas se iniciava com a leitura de um Salmo, e uma oração. No curso, incluíam-se estudo da Bíblia e do Breve Catecismo Presbiteriano” (Apud MENDES, 2007, p. 79).

No entanto, essa capelania atuante era apenas o reflexo de uma administração comprometida com a confessionalidade. De 1870 a 1885: “Pode-se dizer que a confessionalidade da Escola Americana se mostrou explícita como jamais voltaria a se revelar” (MENDES, 2007, p. 79). “Todos os diretores eram pastores e o corpo docente, integrado por missionárias-professoras, e pessoas arroladas na Igreja Presbiteriana” (Apud MENDES, 2007, p. 79).

Ao analisar o prospecto, publicado em 1885 como informativo institucional, podemos perceber não só um posicionamento confessional, como uma atividade de capelania ativa: “Os diretores têm dado desde o primeiro dia de abertura das suas aulas em 1870, lugar e honra a Palavra do ‘Mestre vindo da parte de Deus’, e mais fácil seria fechar as aulas do que abandonar esta prática” (Apud MENDES, 2007, p. 80).

Reiterando suas intenções de fazer da Escola Americana uma base para a propagação da fé cristã reformada, o Rev. George W. Chamberlain procurou manter as atividades da capelania em plena atividade até a inauguração do primeiro prédio no *campus* de Higienópolis, em 1885. Contudo seu intuito não foi respeitado, como descreve Marcel Mendes: “Pode-se inferir que os esforços do fundador da Escola

Americana em favor de feições confessionais mais explícitas não foram correspondidos” (2007, p. 82).

Depois da transferência do colégio para o bairro de Higienópolis, sob a direção de Horace. M. Lane, cuja gestão se iniciou no segundo semestre de 1885 e se encerrou em 27 de outubro de 1912, data da sua morte, o Mackenzie abriu mão de sua confessionalidade explícita: “O Mackenzie College secularizou-se progressivamente. O ensino era de excelente qualidade e a escola gozava do mais alto prestígio, mas os propósitos originais dos seus fundadores, no sentido de que a instituição tivesse uma orientação nitidamente cristã e evangélica eram difíceis de ser mantidos” (Apud MENDES, 2007, p. 82).

No entanto, a perda de sua confessionalidade explícita, se caracterizava mais perante o Mackenzie College, pois na Escola Americana e no Colégio Protestante, seu diretor Rev. Modesto P. de Barros Carvalhosa assumia de forma prática um serviço de capelania, fato que merece ser mais pesquisado entre os arquivos do Centro Histórico do Mackenzie.

Em um texto escrito em 1902, ano de sua morte, o Rev. George W. Chamberlain demonstra seu profundo desapontamento pelo diretor do Mackenzie College ter sido obrigado a recrutar professores não identificados com a confessionalidade da instituição: “Católicos romanos, agnósticos e descrentes têm servido como professores” (Apud MENDES, 2007, p. 83). No mesmo texto confessa que não parecia razoável ter buscado entre cristãos presbiterianos recursos votados à obra de Deus: “Para aumentar as construções de uma escola excelente, a melhor que o Brasil tem, cujo fim não é trazer seus discípulos a Cristo, mas formá-los bem como homens deste mundo, para cumprirem seus deveres de cidadãos em suas diversas profissões” (Apud MENDES, 2007, p. 83).

Com o passar dos anos, a ausência de relatos das atividades da capelania no Mackenzie College revelou seu afastamento dos princípios de seus fundadores. A confessionalidade nos tempos de Horace. M. Lane vai se transformando: “de explícita ao tempo dos fundadores, passou a se apresentar, sucessivamente, mais discreta, para não se dizer que revelou a marca da ambiguidade” (MENDES, 2007, p. 85). Apesar de um afastamento confessional nítido, o prospecto publicado pela Escola Americana no final de 1885 assegurava que: “O ensino moral e religioso continua a ser francamente Evangélico” (p. 84). Contudo em 1897, a perspectiva de

Lane sobre confessionalidade revela uma visão mais secularista: “Nossa preocupação não se volta tanto para fazer protestantes de alguma denominação em particular, mas para produzir cristãos honestos, tanto homens como mulheres, e bons cidadãos”. (Apud MENDES, 2007, p. 87-88).

Em 1908, no seu relatório, Horace. M. Lane demonstra seu desinteresse pelas manifestações que expressam uma confessionalidade explicada e revela não se importar muito com o trabalho da capelania: “Não há nada inovador ou notável em nosso trabalho religioso. Mas constitui uma luta constante apresentar a verdade cristã, sempre com algum risco de fazer os exercícios da Capela caírem em uma rotina estéril para aqueles cujas mentes estão ocupadas com outros assuntos”. (Apud MENDES, 2007, p. 91).

No meio dessas transformações na confessionalidade do Mackenzie, a capelania ficou por seis anos aos cuidados do Rev. Erasmo Braga, entre 1901 e 1906. Contudo, aparentemente, os relatos de sua atuação como capelão, não estão em nenhum material publicado, a não ser pelo fato de ter sido mencionado como professor e capelão do Mackenzie, como descreve Rev. Alderi Matos em seu livro *Erasmo Braga. O Protestantismo e a Sociedade Brasileira*:

No mesmo dia das núpcias, o jovem casal seguia para São Paulo, onde Erasmo iria exercer funções de grande responsabilidade. Tendo apenas 24 anos, o talentoso ministro havia sido convidado para lecionar tanto no Mackenzie College como também no Seminário Presbiteriano, que desde 1899 ocupara as suas novas instalações nas proximidades da escola missionária. Provavelmente a maior parte do seu sustento vinha do Mackenzie, onde ele também serviu como capelão e deu assistência aos candidatos ao ministério que ainda estavam fazendo os seus estudos secundários (2008, p. 166).

Considerado uma figura de destaque tanto dentro quanto fora dos círculos eclesiásticos, o Rev. Erasmo Braga era mais conhecido como um educador, sendo referido mais como professor do que como reverendo. Este fato não foge dos da antiga ênfase reformada na educação, harmonizando aos princípios de João Calvino e da Academia de Genebra (MATOS, 2008, p.243). E muito além de sua função de capelão se posicionou como educador em favor da permanência de uma educação confessional no Mackenzie. Para o Rev. Erasmo Braga a evangelização e a educação cristã deveriam caminhar de mãos dadas em virtude de se complementarem, conforme ele afirma: “A evangelização precisava ser seguida de educação e educação cristã era um instrumento de evangelização” (MATOS, 2008,

p. 253). “Erasmus, entendia que ‘as escolas haviam prestado um verdadeiro serviço à evangelização do Brasil’, mas que, segregadas das igrejas, essas instituições não levariam a lugar algum”. (MATOS, 2008, p. 252). Dessa forma, ele sempre se posicionou contra os caminhos que a instituição estava traçando em seu tempo de capelania. Como descreve em seu desabafo: “Esse processo de secularização geralmente resulta de concessões a parceiros amistosos que, todavia, no seu íntimo, são opostos a Cristo” (Apud MENDES, 2007, p. 110). Seguindo neste raciocínio o Rev. Erasmo Braga proferia algumas críticas: “Nem todos os que trabalhavam em tais instituições eram ‘cristãos genuínos’, a ênfase espiritual muitas vezes era relegada a um lugar secundário e havia uma forte tendência para a secularização” (Apud MATOS, 2008, p. 252).

Apesar de sua importância com educador cristão, e de podermos encontrar material publicado sobre sua vida e obra, como o livro do Rev. Aderi Matos (2008), cabe uma investigação mais apurada nos arquivos do Centro Histórico do Mackenzie para tentar desvendar sua atuação como Capelão, revelando maiores detalhes sobre a atuação do primeiro capelão mencionado como tal, nesses tempos tão ambíguos do Mackenzie.

Com a morte de Horace M. Lane, em 1912, a direção da Escola Americana e do Mackenzie College passou a ser exercida em caráter interino por Rufus K. Lane, filho do antigo diretor. Em uma carta-circular, como diretor, ele confirma os termos da orientação confessional que vinha sendo dado ao estabelecimento presbiteriano de São Paulo: “Nas Escrituras Sagradas, lidas todos os dias, sem comentários e sem preocupação de seitas, procurando inculcar os ensinamentos do Meigo Nazareno, e infundir, nos espíritos dos que aprendem os princípios simples e puros do Cristianismo” (Apud MENDES, 2007, p. 98). Tal carta revela que apesar das práticas devocionais diárias permanecerem presentes no dia a dia da escola, a interferência da capelania, no estudo e na orientação de seus alunos, era desestimulada ou até mesmo restringida.

De 1914 a 1927, na gestão de Willian A. Waddell, as manifestações da confessionalidade do complexo educacional Mackenzie transcenderam os limites institucionais e eclesiásticos, suscitando questionamentos que partiram da imprensa, das tribunas legislativas e de outras fontes. Como descreve Willian Waddell: “Quando [a instituição] passou aos cuidados do Mackenzie [College], os seus

programas sofreram uma modificação, pelo que o ensino da religião foi retirado, sendo conservados os atos de culto que consideramos inseparáveis do bom funcionamento de trabalhos escolares” (Apud MENDES, 2007, p. 100).

Tal atitude era justificada pelo medo de demonstrar proselitismo ao público externo, que posteriormente ao surgimento do Mackenzie College, passou a ver qualquer manifestação religiosa de forma negativa. Procurando defender-se da informação de que a instituição era proselitista, Willian Waddell encontra-se obrigado a reduzir a confessionalidade presbiteriana ao ensino de princípios éticos, desaparecendo, em definitivo, os vestígios de orientação religiosa. Nos anos que se seguiram, os contornos da confessionalidade do Mackenzie foram mantidos dentro desses limites (MENDES, 2007, p. 101). Conforme vemos nas próprias palavras de Willian Waddell: “Se no Mackenzie se lê a Bíblia e se faz oração é questão de regime interno. No Mackenzie não se obriga ninguém a ser evangélico, como não se trata de saber se o aluno segue este ou aquele culto” (Apud MENDES, 2007, p. 102). Ao discorrer sobre este período da história do Mackenzie, Marcel Mendes afirma:

As expressões de confessionalidade do Mackenzie tornaram-se, nas décadas seguintes, bastante discretas. Simultaneamente, aprofundou-se a distância institucional-eclesiástica, situando, de um lado, o Mackenzie como entidade de confissão presbiteriana, mas vinculada a matrizes norte-americanas e, de outro a Igreja Presbiteriana do Brasil, que nenhuma tutela exercia sobre a crescente instituição fundada e conduzida por respeitáveis missionários presbiterianos (2007, p. 103).

Em 1932, o então presidente do Mackenzie College, Charles T. Stewart, em busca de minimizar as pressões externas e ao mesmo tempo não perder as características históricas da instituição, reiterou os conceitos confessionais formados pelos fundadores, porém traçando os limites da presença e atuação religiosa na instituição: “O conceito protestante de uma escola exclui o elemento de propaganda religiosa e limita a função da escola às questões de moralidade e ética, baseadas nos ensinamentos de Cristo” (Apud MENDES, 2007, p. 103). Mais uma vez, os ensinamentos bíblicos seriam reduzidos a conceitos morais, prejudicando direta e indiretamente uma atividade de capelania mais abrangente e eficiente.

De 1934 a 1952, o então dirigente da instituição Benjamin H. Hunnicutt incluiu parágrafos alusivos à identidade confessional do Mackenzie, referindo-se a um contributo religioso e cultural que deveria ser preservado, sem ânimo sectário: “O Mackenzie é um instituto de fundamentos e ideais evangélicos, e, como tal deveria

fazer contribuições definidas para melhor as relações culturais entre os Estados Unidos e o Brasil, e deveria também empreender esforços definidos em favor da causa evangélica” (Apud MENDES, 2007, p. 104). Estava assim estabelecida a fronteira que separaria a capelania de uma ação influenciadora no meio da instituição por várias décadas.

Este distanciamento das autoridades eclesiais ficou patente em 16 de abril de 1952, na ocasião em que a Universidade Mackenzie é organizada, seguida da posse do primeiro reitor: não havia nenhum representante da Igreja Presbiteriana do Brasil presente na cerimônia, contudo o Arcebispo de São Paulo estava representado. É claro que se houvesse uma capelania ativa nesses dias, não só a presença do capelão seria notada, como de várias autoridades eclesiais representando a Igreja Presbiteriana do Brasil nessa cerimônia tão importante para todos (MENDES, 2007, p. 134).

Contudo, de 1952 a 1960, na presidência de Peter G. Baker, a confessionalidade do Mackenzie procurou retomar sua importância na instituição, mediante a ampliação de atividades de assistência espiritual e de orientação religiosa prestadas pela capelania. No esforço de ir além dos bons exemplos, foi cumprida uma pauta intensiva de serviços, embora algumas ficassem sob a identificação genérica de “atividades culturais”, como veremos mais adiante. Um prospecto informativo da época, que continha parágrafo alusivo à identidade confessional da instituição, revela que essa confessionalidade era expressa nos seguintes termos:

O Mackenzie é mantido com o propósito principal de oferecer aos seus alunos oportunidade de se educarem. Foi fundado e é mantido por evangélicos que crêem ser a religião cristã uma parte integral da boa educação. É seu propósito manter um ambiente onde o exemplo cristão de desprendimento, de tolerância e de operosidade levará os homens a adorar e a seguir a Cristo, que inspira tais qualidades. Apresenta-o pelo exemplo e pela doutrina, porém mais pelo exemplo, deverá o ensino cristão do Mackenzie ser considerado mais como um privilégio do que como uma obrigação (Apud MENDES, 2007, p. 105).

Nesse período tão importante de transição, o Rev. Jorge César Mota aparece como figura de realce no Mackenzie. Acumulando o cargo de Secretário Geral da União Cristã de Estudantes do Brasil, o Rev. Jorge César Mota vinha insistindo, desde a época da presidência de Benjamim Hunnicutt (1934-1952), por um protagonismo confessional mais expressivo entre os alunos, como descreve o próprio Rev. Jorge

César Mota, em seu relatório de 1959, na condição de Diretor do Departamento Cultural do Instituto Mackenzie:

Desde esse tempo, vai isso para dez anos, vinha eu insistindo com vários elementos ligados ao Mackenzie, particularmente o seu Presidente Dr. Benjamim Hunnicutt, sobre a necessidade de se desenvolverem as atividades espirituais dentro do Instituto, mencionando muitas vezes a urgência da criação de uma capelania e a consagração de um local adequado para os serviços religiosos. Dessa forma se restabeleceria dentro do Mackenzie o 'centro' objetivo, concreto, que, como antigamente, falasse do caráter evangélico do grande estabelecimento de ensino de São Paulo (1959, p. 200).

Depois desta constante defesa das atividades capelânicas, Rev. Jorge Mota consegue na gestão de Peter G. Backer (1952-1960) a criação de um Departamento Cultural, comportando de forma prática uma capelania, que veio a ficar por poucos anos sob a sua responsabilidade (até 1960). É através desta função administrativa que Mota consegue colocar várias atividades culturais, espirituais e sociais. E ainda em seu relatório descreve sua gratidão ao Dr. Peter Backer sobre o apoio recebido para seu trabalho:

Aquilo a que eu quero dar ênfase é o fato de que, nestes anos de administração do Dr. Baker, o trabalho evangélico tomou um extraordinário impulso dentro do Mackenzie, graças em grande parte à sua alta e justa visão do problema e da missão evangélica do Instituto que foi chamado a presidir. Como um daqueles que há muitos anos sonhavam ardentemente com estas transformações e que dirijo esta palavra pessoal de agradecimento ao Dr. Backer. Esta palavra se torna necessária no início deste relatório para que se compreenda que a maior parte dos méritos do trabalho do Diretor do Departamento Cultural pertence não a ele, mas ao senhor Presidente que, separando e consagrando local para a Capela e sala anexa para reuniões de estudos, e prestigiando as atividades de capelania do referido Diretor, tornou possíveis atividades que antes não se poderiam realizar. (IPM, 1959, p. 200).

15

Além de conseguir uma Capela e salas anexas para as atividades espirituais e religiosas, o Rev. Jorge César Mota recebeu duas auxiliares, Beatriz Kerr como Secretária do Departamento e Neide Kerr como Assistente Social. Em seu relatório, ele descreve as três áreas de atuação de seu departamento: Cultural, Espiritual e Social. Eis suas palavras, referentes às "atividades culturais" desenvolvidas no ano (IPM, 1959, p. 201):

Fiz 212 palestras, devo também citar as 192 aulas de filosofia dadas, não apenas com o intuito de exercer o simples magistério, mas sobretudo de realizar obras cultural, despertando o interesse dos alunos pelas coisas do espírito. Promovi a realização de concertos de órgãos. Organizei a Orquestra Universitária Mackenzie (O.U.M.). Iniciei a organização do Teatro Universitário Mackenzie (T.U.M.). Organizei um curso livre de Esperanto. Exerci também atividades culturais fora do Mackenzie, sendo membro da

Associação de Estudos Clássicos de São Paulo e fui eleito primeiro tesoureiro da Sociedade de Estudos Filosóficos. Publiquei um comentário exegético e expositivo da Carta de São Paulo a Tito. Revisei e editei dois livros, escrevi um folheto de estudos sobre a Epístola de Paulo aos Efésios, preparei um Hinário em quatro idiomas, escrevi alguns artigos e prossegui nos estudos na faculdade de filosofia da Universidade de São Paulo e espero licenciar-me este ano.

Já sobre as “atividades espirituais” desenvolvidas no mesmo ano, o Rev. Jorge César Mota escreve (IPM, 1959, p. 202):

Preguei 30 vezes na Capela (fora, 54. Total, 84), tendo oficiado no enterro de dois velhos mackenzistas. Celebrei na capela um ofício fúnebre do Dr. Kenneth Waddell. Realizei uma cerimônia de bênção matrimonial de um empregado na Capela. Promovi, também na Capela, 120 cultos diários, de leitura bíblica e oração intercessória. Fiz algumas visitas a alunos e professores. Atendi no meu escritório, em 420 entrevistas, a alunos internos e externos e pais de alunos, tratando de assuntos espirituais, de orientação educacional e vocacional. Ofereci com dedicatória a Bíblia e o Novo Testamento a cerca de 60 estudantes. Consegui a doação da Sociedade Bíblica de 500 exemplares do Novo Testamento para ofertar aos estudantes. Trabalhei ainda em processo de organização com a Associação Cristã de Acadêmicos, dispomos agora de uma sala adequada.

Finalmente, sobre as “atividades sociais”, o Rev. Jorge César Mota escreve no seu relatório (IPM, 1959, p. 202): “Desde que a Assistente Social, Srta. Neide Kerr Muzel, assumiu a responsabilidade de entrevistar os candidatos a bolsa de estudos, aliviei o meu trabalho dessa tarefa, porém continuo conversando com muitos dos pais e estudantes interessados”.

Ao analisamos a descrição dos serviços do Rev. Jorge César Mota, podemos concluir que neste período as atividades da capelania não só eram constantes, como transcendiam às atividades espirituais e religiosas. Atividades que com passar dos anos foram ganhando departamentos específicos dentro do Instituto Presbiteriano Mackenzie. Apesar dos avanços, ainda em seu relatório o Rev. Jorge Mota descreve algumas dificuldades encontradas em suas atividades na Capelania:

Como sabe o senhor Presidente, lutamos com grandes dificuldades no que toca ao meu trabalho de capelão, pensando especialmente no cuidado pastoral dos elementos evangélicos, em dois sentidos principalmente. Por um lado é muito difícil encontrar obreiros profissionais no setor cultural que sejam presbiterianos e mesmo evangélicos. E por outro lado é raro poder contar com a colaboração dos estudantes evangélicos, mesmo presbiterianos. Tivemos este ano apenas 17% de alunos evangélicos e entre os universitários, tivemos 9% evangélicos, dos quais a metade [é de] presbiterianos. O número é pequeno, mas esse pequeno número seria de imenso valor se conseguíssemos entusiasamá-lo no trabalho evangélico local. (IPM, 1959, p. 202)

Sobre a falta de compromissos tanto de obreiro como de alunos evangélicos, o Rev. Jorge César Mota adianta algumas observações que afirmam velhas opiniões:

O individualismo, o personalismo, o denominacionalismo e o fundamentalismo – vícios de um protestantismo que não honra suas origens, mas que é tido e havido como legítimo entre nós – são os maiores responsáveis pela falta de progresso do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo nos meios universitários (IPM, 1959, p. 203).

Depois desse período, seguem-se constantes batalhas da Igreja liderada pelo Rev. Boanerges Ribeiro para manter a Igreja como mantenedora e proprietária do Instituto Mackenzie, tendo como em toda guerra seu herói, Benedito Novais Garcez, neste momento crucial para a Igreja, sendo aplaudida a sua contribuição como ato heroico, conforme descreve Marcel Mendes (2007, p. 436) em seu livro *Tempos de Transição*. Contudo, em 20 de novembro de 1961, a escritura de doação a Igreja Presbiteriana do Brasil, foi assinada tornando-se proprietária de todos os bens móveis e imóveis do Instituto Mackenzie (BORGES, 2008, p. 98). Renasce a esperança da retomada da confessionalidade no instituto, assim com a reativação de uma capelania confessional ativa e com liberdade de atuação. Todas as ações descritas a partir de 1961 são reflexos de uma confessionalidade retomada, mesmo que em alguns momentos aparentemente de forma lenta. Somente agora, depois de décadas, a capelania pode reconquistar seus territórios tomados pelo secularismo que impregnava toda a instituição.

17

4. A OFICIALIZAÇÃO DA PRÁTICA DA CAPELANIA NO MACKENZIE

Para que se recuperasse a confessionalidade era necessário reativar os trabalhos da capelania, essa devia ser a primeira atitude a ser considerada. Mas desta vez era necessário se oficializar tal ação, diferentemente das primeiras capelanias que surgiram com os fundadores. Para isso, era preciso uma ação institucional com descreve o Rev. Oswaldo H. Hack em seu livro *Raízes Cristãs do Mackenzie e Seu Perfil Confessional*: “Somente em 1975, o Instituto Mackenzie resolve criar oficialmente os serviços religiosos de capelania, nomeando o pastor presbiteriano, o Rev. Odayr Olivetti, como seu primeiro capelão” (2003, p. 192).

“Considerando a presença restrita da Igreja Presbiteriana do Brasil nas decisões e projetos universidade, por força dos estatutos da Universidade e do próprio Instituto Mackenzie, a Entidade Mantenedora resolve criar a figura do Chanceler a partir de 1976” Por meio de decisão do Conselho de Curadores da Igreja Presbiteriana do

Brasil junto ao Instituto Mackenzie, o cargo de Chanceler foi atribuído ao Dr. Paulo Breda Filho (HACK, 2003, p. 139). A chancelaria passou, então, a ser coordenadora de todas as atividades e planos de ação das capelanias, para a implementação do referencial filosófico do Instituto Mackenzie como entidade confessional de orientação cristã reformada. Era o início de novos tempos, nos quais a capelania possuía apoio institucional para voltar a fazer seu trabalho levantando uma bandeira confessional. As ações junto à Universidade, para enfatizar a sua confessionalidade, foram de iniciativa da Chancelaria junto à Reitoria (HACK, 2003, p. 144).

Mesmo com esses avanços, durante muito tempo o perfil confessional do Mackenzie foi uma preocupação latente, mas sem medidas diretas, a não ser pelo oferecimento dos serviços de capelania ou de celebração religiosas especiais. Precisava-se trilhar ainda um longo caminho para se retomar as raízes confessionais. Não seria apenas a instituição de uma capelania ou de uma chancelaria que iria retomar os aspectos confessionais de uma universidade que se afastou da tradição histórica, cuidando do progresso da vida acadêmica, sem nenhuma vinculação religiosa. Muitos outros passos deveriam ser dados nessa retomada institucional (HACK, 2003, p. 162).

E neste caminho, a partir de 1997, com ação conjunta da chancelaria e reitoria, foi formulado um projeto para sensibilizar a comunidade acadêmica. “O diálogo com a entidade mantenedora permitiu mudanças estatutárias e a realização de eventos para discutir a história do Mackenzie e seu relacionamento com os princípios cristãos de uma teologia reformada calvinista” (HACK, 2003, p. 162). Houve um grande empenho para alcançar não somente os colégios, mas principalmente da universidade. Contudo um passo que parecia muito simples ainda deveria ser dado. Como uma escola e uma universidade nacionalmente conhecida, poderia manter um nome que não revelava em nada sua confessionalidade? Era preciso prosseguir em mais uma conquista.

E foi no ano de 1998 que a designação “presbiteriana” é acrescentada: por meio de documentos aprovados pela Comissão Executiva do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil, a instituição assumiu publicamente seu caráter confessional, passando a ser denominada como Instituto Presbiteriano Mackenzie (HACK, 2003, p. 203). A capelania agora estava afinada com a instituição que levava o mesmo nome da igreja das quais seus capelães eram pastores.

Buscando ainda mais avanços, pois não bastava apenas ter uma capelania, mas fazê-la funcionar, foi que no ano 2000 o Conselho Deliberativo do Instituto Presbiteriano Mackenzie solicitou um projeto denominado Perfil da Capelania Escolar ao Rev. Wilson de Souza Lopes. “Neste projeto foi destacado o conceito, a tarefa e a especificidade do atendimento da capelania Mackenzie, tanto na universidade como no colégio, e qual seria o perfil do capelão para exercer esta tarefa” (HACK, 2003, p. 192). Foi nessa época que uma capelania conduzida pelo Rev. Enos Moura tornava-se cada vez mais conhecida entre as autoridades acadêmicas e administrativas, assim como entre os alunos e seus familiares. Em seu livro *Confessionalidade e Construção Ética na Universidade*, Inez Borges descreve algumas das atividades exercidas atualmente pela capelania no Instituto Presbiteriano Mackenzie:

As atividades realizadas pela capelania são de abrangência geral, tais como: encontros para adoração, aconselhamento, estudos bíblicos, disque-paz, locação de livros e DVD, distribuição de Livros Devocionais (Cada Dia), visitas hospitalar e domiciliar a alunos, funcionários e respectivas famílias, produção do programa institucional para a TV Mackenzie (Canal Universitário), distribuição de Bíblias em solenidades de colação de grau e outros eventos internos, distribuição mensal de boletins informativos, distribuição anual da Carta de Princípios para alunos e funcionários, e projetos “Intervalo com Deus”, além de apoiar e supervisionar trabalhos de grupos que desenvolvam atividades relacionadas à identidade confessional da instituição (2008, p. 235-236).

Outras ações contribuiriam em muito para o alcance de uma capelania confessional, como a Revisão do Planejamento Estratégico, realizado em 2002, que teve como objetivo uma projeção do Mackenzie para os dez anos seguintes (2002-2012). “Em suas diretrizes foi incentivada a disciplina de ética e cidadania e ensino religioso em todas as turmas. Manter um programa de capelania atuante e pronto a atender os alunos, proporcionado um ambiente favorável para a formação de lideranças cristãs” (HACK, 2003, p. 137). Uma capelania atuante propiciou o retorno do ensino religioso nas salas de aulas do Colégio Presbiteriano Mackenzie, prática que havia se encerrado desde 1914.

As aulas ministradas uma vez por semana, por professores habilitados em pedagogia e educação cristã, seguem a orientação dos Parâmetros Curriculares da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, utilizando os temas transversais. A temática usada para a proposta curricular baseia-se nas verdades e princípios bíblicos (HACK, 2003, p. 207).

Fica claro que por meio das aulas de ensino religioso, nos colégios, e de ética e cidadania, na universidade, os capelães poderiam ampliar seu acesso junto aos alunos e professores. “Nos Colégios Presbiterianos Mackenzie, os capelães são os responsáveis pela coordenação e supervisão do programa de ensino religioso. Os professores devem submeter ao capelão todo o material didático, assim como o conteúdo programático” (HACK, 2003, p. 207).

Ainda na revisão do planejamento estratégico, realizada em 2002, é estabelecida como plano de ação, a implantação da capelania institucional para atender aos funcionários e seus familiares e a ampliação dos serviços de capelania universitária nos *campi* São Paulo e Tamboré (HACK, 2003, p. 138).

De fato, agora, a capelania encontrava liberdade para fazer aquilo a que foi destinada. Ou seja, ser o instrumento propagador da Palavra de Deus e mantenedora da identidade confessional da instituição de ensino. Como descreve o Rev. Oswaldo Hack: “A capelania é uma atividade alicerçada nos princípios bíblicos da fé cristã evangélica reformada, colaborando na formação do ser humano” (2003, p. 198). Contudo, juntamente com sua maior liberdade de ação, ainda havia os desafios juntos aos alunos.

Exercer capelania no Instituto Presbiteriano Mackenzie é ser pastor pleno da multidão heterogênea, de elementos docentes, discentes e administrativos e de seus familiares. Existe mais, muito mais. Entendemos, também, que a capelania é mais importante do que a capela (...). O espaço físico como lugar de reconhecimento e de reflexão torna-se útil e proveitoso quando a capelania vive a sua realidade no convívio e sente o pulsar das ansiedades e preocupações humanas. A tentação de apenas fazer cultos na capela e atender os que procuram existirá sempre, mas a abrangência do trabalho não permite sepultar a capelania nesta perspectiva singular (HACK, 2003, p. 193).

Continuando a falar sobre esta responsabilidade junto ao capelão do Mackenzie, o Rev. Oswaldo Hack afirma: “Viver um apascentamento adequado às condições dos que carecem de assistência, sem sectarismo, sem proselitismo, sem discriminação” (2003, p. 193). Então ele finaliza descrevendo o desafio da capelania:

Os contextos escolares e universitários recebem adolescentes e jovens de todas as origens e matrizes culturais e religiosas. Muitos estudantes, oriundos de famílias em crise ou esfaceladas chegam indiferentes, apáticos e preconceituosos em relação a qualquer proposta de compromisso religioso (2003, p. 193).

No presente, a “capelania escolar” do Instituto Presbiteriano Mackenzie atua em várias frentes dentro do Instituto. Com a abertura da ação capelânica e o aumento do número de capelães, esta pode se dividir em várias subáreas. Atualmente a

capelania escolar ou educacional do Mackenzie se divide em três grandes áreas: capelania institucional; capelania universitária e capelania da educação básica. Sendo que já possui duas novas áreas, subordinadas que vieram para auxiliar as demais, a capelania das atléticas subordinada à universitária e a capelania do AEJA (Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos) subordinada à da educação básica. De fato o caminho ficou livre para a retomada dos trabalhos da capelania no Mackenzie, mas muito ainda precisa ser feito. A capelania poderá ser um instrumento vital para a confessionalidade do Instituto Presbiteriano Mackenzie como afirma o Rev. Osvaldo Hack: “Assim, entendemos que a capelania pode ser a mola propulsora para fortalecer o perfil confessional, oferecendo serviços comunitários e ajudando a definir diretrizes que implicam estabelecer valores e princípios éticos” (2003, p. 209).

Esta tarefa não cabe somente aos capelães, mas a todos os alunos, familiares e professores cristãos, que sonham em ver uma escola e universidade confessional como nos tempos do Rev. George W. Chamberlain, em 1870.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos, por meio dos relatos e textos citados neste artigo, concluir que a capelania tem de fato se tornado um instrumento singular para a busca de uma identidade confessional entre as escolas e universidades evangélicas. Contudo temos de admitir que muito ainda se deve caminhar em direção a uma confessionalidade que se espera de instituições históricas como o Instituto Presbiteriano Mackenzie.

É dever da instituição, por ser confessional, retornar às suas origens, como afirma Osvaldo Hack: “Ao resgatar a sua confessionalidade, o Instituto Presbiteriano Mackenzie faz jus e presta homenagem aos seus fundadores” (2003, p. 136).

Mas como podemos buscar referenciais históricos, se ainda encontramos tão pouca publicação sobre a atuação dos primeiros capelães, tais como o Rev. George W. Chamberlain e o Rev. Modesto P. de Barros Carvalhosa, que por muitos anos dirigiram a Escola Americana e simultaneamente exerceram a capelania. Ou até mesmo a atuação do Rev. Erasmo Braga, que no passado desenvolveu uma capelania ainda voluntária no Mackenzie College, ou do Rev. Jorge César Mota que, como vimos, empreendeu trabalhos relevantes em sua época, mas pouco

conhecidos. Já na história recente, com o Rev. Odayr Olivetti, Rev. Wilson de Souza Lopes e Rev. Enos Moura, os quais formularam a capelania que existe até os tempos atuais. Trata-se de um trabalho de investigação junto aos arquivos históricos do Mackenzie, em busca de indícios de confessionalidade, como afirma Marcel Mendes: “A recuperação de fragmentos dos textos produzidos no Mackenzie ao longo do tempo visa à identificação de indícios de continuidades ou rupturas na trajetória confessional da instituição fundada sob os auspícios das missões presbiterianas” (2007, p. 108).

É perfeitamente possível uma pesquisa mais profunda, não somente nos arquivos históricos assim como, por meio de entrevistas com os capelães portadores desses relatos, como também nos arquivos mais recentes; e também uma pesquisa de campo sobre as atuais ações da capelania escolar confessional no Instituto Presbiteriano Mackenzie. Este artigo busca despertar para a importância dessa atividade e procura aguçar a curiosidade para que as futuras pesquisas possam ser mais aprofundadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, Inez Augusto. *Confessionalidade e construção ética na universidade*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2008.

FERREIRA, Damy. *Capelania escolar evangélica*. São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2008.

HACK, Osvaldo Henrique. *Raízes Cristãs do Mackenzie e seu perfil confessional*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2003.

_____. *Protestantismo e educação brasileira*. São Paulo: Cultura Cristã, 2000.

INSTITUTO MACKENZIE. Relatório da Presidência. São Paulo: 1959.

MATOS, Alderi Souza. *Erasmus Braga: O Protestantismo e a sociedade brasileira*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2008.

MENDES, Marcel. *Tempos de Transição: a nacionalização do Mackenzie e sua vinculação eclesial (1957-1973)*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2007.

VIEIRA, Walmir. *Capelania Escolar, desafios e oportunidades*. São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2009.

